

Contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana: um enfoque sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu

*Piera Aulagnier's contribution to freudian metapsychology:
a focus on the originary, primary and secondary modes of
operation in the formation of the "I"*

*Henrique Guilherme Scatolin**

Resumo

Este artigo tem como objetivo realizar um levantamento na obra da psicanalista francesa Piera Aulagnier sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu. Ao longo da explicação destes três modos de funcionamento psíquico, o autor procura compreender como que estes três modos operam em um determinado sujeito, destacando a entrada em cena da figura materna e paterna e ressaltando os seus respectivos desejos por determinado filho. Conclui que quando um modo mais elaborado de funcionamento psíquico, como o secundário, não consegue dar sentido ao vivido, são os modos mais primitivos de funcionamento psíquico que o farão, tal como o primário e/ou o originário.

Palavras-chave: *Piera Aulagnier, modos de funcionamento psíquico, desejo dos pais.*

Abstract

This article aims to survey the work of French psychoanalyst Piera Aulagnier on the originary, primary and secondary modus operandi to the formation of

* Doutorando e mestre em Psicologia Clínica (núcleo de Psicanálise) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

the “I”. Throughout the explanation of these three modes of psychic functioning, the author seeks to understand how these three modes operate in a particular subject, highlighting the arrival on the scene of the mother and father and highlighting the specific wishes for their child. It concludes that when a more elaborate way of psychic functioning, such as the secondary, can not make sense of the living, then the most primitive modes of psychic functioning will, such as the primary and/or the originary.

Keywords: *Piera Aulagnier, modes of mental functioning, parents’ desire.*

INTRODUÇÃO

A psicanalista francesa Piera Aulagnier, ao final da década de 60, juntamente com outros psicanalistas dissidentes do lacanismo, fundaram o Quatrième Groupe, grupo este que não estaria ligado à ortodoxia lacaniana. Aulagnier nunca negou a importância e a influência de Lacan em seu modo de pensar a psicanálise, mas “deixa absolutamente claro que ela é freudiana – assim como são considerados os psicanalistas franceses que acompanharam Lacan apenas até a primeira fase de suas produções, quando ele se propôs a fazer um retorno a Freud”¹. Devido à riqueza e a singularidade da sua clínica, certas indagações clínicas do legado freudiano foram surgindo ao longo da sua vasta experiência com pais de psicóticos.

Estas indagações podem ser respondidas por esta célebre frase de Aulagnier:

“Confrontados à psicose, descobrimos que o modelo de Freud não respondia a uma parte destas questões e [...] vimos que a aplicação desse modelo à resposta que esse discurso suscitava em nós, deixava excluída uma parte de nossa própria vivência [...]. Foi necessário reconhecer que, a partir do momento em que privilegiávamos uma forma particular de questionamento, o modelo apresentava anomalias, qualquer que fosse o funcionamento da psique ao qual ele se aplicava”².

1 Violante, Maria Lúcia. (2001). *Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud*. São Paulo: Via Leterra Editora, 2001, p. 10.

2 Aulagnier, Piera (1975). Nota Preliminar. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 17.

Assim, com base em sua clínica com pacientes psicóticos, Aulagnier se deparou com os limites que o modelo freudiano apresentava para tratar desta forma de sofrimento psíquico e de sua analisabilidade; pois para Freud, o psicótico não realizava transferência e que, por isso, não poderia se beneficiar de uma análise. É necessário ressaltar que a clínica freudiana se fundamentou na análise de pacientes neuróticos adultos. E ao possibilitar a análise de psicóticos, Aulagnier apresenta contribuições metapsicológicas, psicopatológicas, metodológicas, técnicas e éticas ao legado freudiano, respondendo assim ao apontamento freudiano segundo a qual só com futuros progressos da psicanálise é que esta poderia se tornar acessível à análise de psicóticos.

Segundo Aulagnier “todo indivíduo nasce num ‘espaço falante’ e é por isto que, antes de abordamos a estrutura do Eu como instância constituída pelo discurso, analisaremos as condições necessárias para que este espaço ofereça ao Eu um habitat adequado as suas exigências”³. Para o advento do Eu, não só o desejo materno é importante para a constituição psíquica da futura criança, mas também o desejo paterno em relação a este filho; já que a criança nasce em um espaço familiar organizado pelo discurso e pelo desejo do casal parental entre si e em relação aquele bebê.

De outro lado, o que seria este Eu para Aulagnier? Primeiramente, é necessário apontar que o Eu pertencente à metapsicologia de Aulagnier é diferente do ego freudiano. Para Freud “[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido”⁴. Freud não especifica a data em que este ego se constitui, sendo o narcisismo a primeira forma pela qual o ego se constitui como ego ideal; pois os pais, ao reviverem seu próprio narcisismo durante o nascimento de seu filho (a), realçam este ao patamar de sua ‘majestade, o bebê’. E o mestre ainda releva que “ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal”⁵. Este ego é fruto das sensações corporais, principalmente daquelas provenientes da superfície do corpo.

3 Aulagnier, Piera (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 105.

4 Freud, Sigmund (1914). Sobre o Narcisismo: uma Introdução. *ESB*, vol. XIV, 1996, p.84.

5 Freud, Sigmund (1923). O Ego e o Id. *ESB*, vol. XIX, 1996, p.39.

Em relação ao ego freudiano, Aulagnier diz:

“Para mim, o Eu é uma instância que está diretamente vinculada a linguagem. Não há lugar em minha concepção metapsicológica para o conceito ego-id indiferenciado. Neste sentido, não se pode fazer uma equivalência entre a maneira como Freud se serve do conceito de ego [...] e o que tenho definido como Eu. Defini um conceito para mim fundamental que é o Eu antecipado e não se pode falar de um ego antecipado no discurso materno [...]”⁶.

Para Aulagnier, este Eu é um Eu historizado que insere o bebê, desde o seu nascimento, numa ordem temporal e simbólica; já que este Eu nasce imerso na história edipiana dos pais e se constitui através de uma dialética identificatória. Sobre isto, ela aponta que “minha diferença com Lacan é que, para mim, o Eu não está condenado ao desconhecimento, nem é uma instância passiva. Ainda que seus primeiros identificados sejam providos pelo discurso materno, o Eu também é uma instância identificante e não é um produto passivo do discurso do Outro”⁷. Como este Eu é antecipado pelo desejo materno, este Eu não pode ser considerado o equivalente ao Eu lacaniano, pois esta instância é constituída por duas dimensões: a identificada (provida pelo discurso materno) e a identificante (que não é produto passivo do discurso do Outro). De outro lado, este Eu também é estruturado pela linguagem à medida que, mesmo antes de vir ao mundo, o infans⁸ é pré-enunciado e pré-vestido pelo discurso do casal parental. Este bebê nasce em um meio familiar, um “micro-meio”, que Aulagnier define como “espaço falante”⁹. Assim, este futuro Eu se desenvolverá em um micro-meio familiar organizado pelo discurso dos pais, pelo desejo que une os pais e pelo desejo de cada um destes por este filho.

6 Horneistein, Luis. Diálogo com Piera Aulagnier. In: *Desejo e identificação*. Org. Maria Lucia Vieira Violante. São Paulo: Annablume, 2010, p. 63.

7 Idem, *ibidem*.

8 Segundo Pierre Kaufmann, infans é “um termo que o próprio Lacan emprega para qualificar a criança antes que ela utiliza a linguagem [...]”. In: *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.157.

9 Aulagnier, Piera (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 105.

Para Aulagnier:

“Precedendo o nascimento do sujeito preexiste um discurso que o concerne: espécie de sombra falada e suposta pela mãe que fala, ela se projeta sobre o corpo do infans – quando do seu nascimento – tomando o lugar deste a quem se dirige o discurso do porta-voz [...]. A mãe [...] imputa à sombra um desejo que ela desconhece [...]. O que chamamos de sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente a criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente”¹⁰.

Ou seja, esta sombra é a herdeira da história edipiana da mãe; como também de seu recalcado. Esta sombra antecipa o próprio recalcado da criança, possibilitando uma reorganização do espaço psíquico do futuro bebê; já que a mãe transmite ao bebê um recalcado necessário para a estruturação do seu futuro Eu, sendo este recalcado o antecessor da função desempenhada por uma terceira referência, que é o pai. Além disso, esta sombra a resguarda do retorno do seu desejo recalcado de ter um filho do seu próprio pai. Assim, a mãe realiza a função de porta-voz, inserindo o bebê no discurso do meio, apontando-lhe as leis e as exigências deste.

Em 1979, ao publicar *Os Destinos do Prazer*, esta psicanalista retoma a constituição do Eu, destacando que “para que a vida do Eu seja possível, é necessário que o porta-voz tenha investido o Eu que ele antecipa, fornecendo-lhe pensamentos com função identificatória, enquanto o Eu ainda não pode pensá-los ou inventá-los”¹¹. A imagem do bebê construída ao longo da gestação, a qualidade e a intensidade deste investimento são fundamentais para o seu futuro desenvolvimento psíquico. O Eu do bebê, como anteriormente já mencionado, é antecipado pelo Eu da mãe; já que desde o nascimento, a mãe interpreta, em termos de sentimentos, as manifestações das atividades pictográficas do aparelho psíquico do bebê. Por ocasião dos primeiros encontros entre o corpo real do bebê e representação psíquica que a mãe elabora deste, estes encontros podem ser fonte de (des) prazer para o recém-nascido. Isto significa que a mãe antecipa um corpo ainda

10 Idem, p. 109-113.

11 Aulagnier, Piera (1979). Prazer necessário e prazer suficiente. In: *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985, p. 139.

ausente, formulando pré-enunciados e pré-investimento libidinalmente este corpo, constituindo assim um ‘corpo falado’ que, por sua vez, deverá se ancorar no corpo real do bebê.

De outro lado, é necessário ressaltar que para Aulagnier o Eu se constitui entre os 06 e 18 meses (durante o estágio do espelho lacaniano); mas antes deste Eu advir por meio da identificação especular ou imaginária, são outros modos de funcionamento psíquico que irão representar o vivido na psique do bebê: são estes o originário, o primário e o secundário (que corresponde ao advento do Eu).

Para abordarmos estes três modos de funcionamento psíquico, é necessário ressaltar o que seria a atividade de representação. Para Aulagnier:

“Por atividade de representação compreendemos o equivalente psíquico do trabalho de metabolização própria à atividade orgânica [...]. O elemento absorvido e metabolizado [pela psique] não é um corpo físico, mas um elemento de transformação. Se considerarmos a atividade de representação como tarefa comum aos processos psíquicos, dir-se-á que sua finalidade é de metabolizar um elemento da natureza heterogênea em um elemento homogêneo à estrutura de cada sistema”¹².

Para Aulagnier é esta atividade de representação que está encarregada de inscrever na psique o existente, o vivido, sendo que toda informação para ser representada, esta deve ser investida de libido. A atividade psíquica é constituída pelo conjunto, conforme diz Aulagnier, “de três modos de funcionamento, ou por três processos de metabolização”¹³. Estes três processos de metabolização ou funcionamento da psique são o processo originário, o processo primário e o processo secundário, cujas representações são, respectivamente, a representação pictográfica ou pictograma, a representação fantasmática e a representação ideativa (no processo secundário).

Em relação aos modos de funcionamento psíquico, Aulagnier postula que os processos originário, primário e secundário “não estão

12 Aulagnier, Piera (1975). A atividade de representação, seus objetos e sua finalidade. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 27.

13 Idem, p. 28.

imediatamente presentes na atividade psíquica: eles se sucedem temporalmente e a emergência de cada um deles resulta da necessidade que se impõe à psique de tomar conhecimento de uma propriedade de objeto, exterior a ela, propriedade que o processo anterior tinha obrigação de ignorar [...]”¹⁴. Estes três modos de funcionamento psíquico que produzem a representação do vivido não estão presentes em atividade desde o nascimento. Embora Aulagnier não tenha estabelecido datas, podemos apontar que o originário está em atividade desde o nascimento, sendo sucedido pela entrada do primário e, no momento do advento do Eu, pelo secundário. Assim é que todo o vivido será metabolizado por estes três processos que passarão a coexistir de uma forma mais ou menos conflituosa.

O Processo Originário

Aulagnier declara que “o encontro originário, em princípio, acontece no momento do nascimento [...]. Quando falamos de momento originário, é a este ponto de partida que nos referimos”¹⁵. Durante o nascimento, no momento do encontro inaugural boca-seio, entra em cena o modo de funcionamento do originário, modo este anterior ao processo primário. A atividade do processo originário exige o encontro entre um órgão sensorial (como a boca) e um objeto exterior (como o seio) que venha a estimulá-lo. Este é um processo que antecede a entrada em cena do processo primário freudiano e cujo encontro na psique do bebê é registrado através de uma representação pictográfica ou pictograma.

Para Aulagnier “a representação pictográfica deste encontro tem a particularidade de ignorar a dualidade que a compõe [...]. Diremos desde agora que a condução essencial é que esta experiência possa se representar como causando prazer as duas entidades que definiremos como ‘objeto-zona complementar’.”¹⁶ Devido à exigência da representabilidade, a atividade de representação deste modo de funcionamento inscreve na psique do bebê uma ‘imagem de coisa corporal’; isto é, uma imagem de zona-objeto-complementar. De outro lado, segundo esta psicanalista, a representação pictográfica, que é pulsional, não reconhece a boca separada do seio; ou

14 Idem, *ibidem*.

15 Aulagnier, Piera (1975). O processo Originário e o Pictograma. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 41.

16 Idem, p. 43-44.

seja, o órgão sensorial representado pela zona erógena (boca) e o objeto complementar externo (seio) é representado pictograficamente como uma unidade que podem estar unidas (caso a experiência seja prazerosa), tornando-se fusional; ou se repelem, caso ocorra o desprazer. Assim, o único modo de inscrição psíquica deste modo de funcionamento é sensorial, proporcionando prazer ou desprazer ao bebê.

Convém lembrar que ao nascer, a psique incipiente do bebê encontra dois fragmentos do mundo: o seu próprio corpo e a psique dos outros, a começar pelo Eu materno. Este primeiro encontro com a mãe é fundamental para o início da constituição psíquica do bebê; pois além da necessidade vital da alimentação, há todo um investimento libidinal da mãe para com o seu filho, investimento este indispensável para o seu funcionamento psíquico. Esta vivência deve proporcionar ao menos um mínimo de prazer e será representado psiquicamente pelo originário. Assim, esta psicanalista compreende a vivência de satisfação como a ocasião do encontro inaugural boca-seio. É neste encontro que coincide, uma única vez, o desejo materno que o recém nascido demande o seu seio e a demanda do bebê de que a mãe o deseje, do que resulta a identificação primária do bebê com as percepções coextensivas à resposta materna a sua demanda primária.

Sobre esta emergência do Eu no cenário psíquico, Aulagnier aponta que “para fundar sua história, [este Eu] terá que encontrar um caminho e uma voz que lhe tornem possível pensar este antes”¹⁷. Na identificação primária, o bebê se depara com um corpo externo ao seu cuja presença é alvo imediato de sua demanda libidinal. E para ‘pensar este antes’, este Eu deve ser pré-vestido por sua mãe. De outro lado, este “antes pode se revelar alternadamente um aliado ou um adversário”¹⁸. Este aliado pode ser fonte de prazer e de investimento para o bebê; ou, ao contrário, a presença deste adversário pode se tornar fonte de desprazer, de não investimento libidinal pelo bebê.

17 Aulagnier, Piera (1984). Um Discurso No Lugar do “Infans” (TO-T1). In: *O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiticeiro*. São Paulo: Escuta, 1989, p. 215.

18 Idem, p.216.

Ao nascer, “o seio abre o jogo e terá, na identificação primária, uma função determinante”¹⁹. Se para a mãe o seio é identificado ao objeto que o bebê demanda como alvo de seu desejo, esta demanda torna-se para a mãe fonte de amor, de vida, simbolizando a função materna e tornando-se o seu emblema mais precioso. Ou seja, será sempre pela oferta do seio que a mãe responderá a demanda de seu bebê; já que o seio oferece o primeiro apoio à demanda libidinal, exercendo a função do primeiro significativo do desejo materno, desempenhando uma dupla função durante a identificação primária: o seio torna-se o molde, a matriz, desta identificação tanto para os significantes maternos quanto para a identificação pré-especular. Assim, neste momento, há a fusão de dois desejos que apresentam um significativo em comum: o seio como objeto de demanda para o bebê e da oferta materna, ocorrendo a dupla alienação do bebê no desejo e no imaginário materno²⁰.

O PROCESSO PRIMÁRIO

O processo originário funciona sozinho apenas por momentos. Para dar conta da ausência e do retorno materno que ocorre devido a separação entre o corpo do bebê e o corpo materno, entra em cena o modo de funcionamento primário. Este modo representa o vivido na psique por meio de uma fantasia. Assim, como o processo originário não reconhece nenhum signo de relação, o primário começa a funcionar desde muito cedo com o objetivo de dar conta das alternâncias de presença e ausência materna; como também do prazer e do desprazer decorrentes desta presença ou ausência.

Neste modo de funcionamento, o que caracteriza o seu modo de produção “é uma figuração na qual, efetivamente, existe a representação de dois espaços; mas estes dois espaços estão submetidos a onipotência de um desejo só [...]”²¹. A imputação da causa do vivido à onipotência do desejo do Outro (ou seja, o desejo do próprio bebê projetado em um dos pais ou em ambos) é o princípio que governa o primário. Todo prazer ou

19 Idem, p. 201.

20 A dupla alienação (do bebê no desejo e no imaginário materno) é notória em casos de psicose na vida adulta.

21 Idem, p.70.

desprazer vivenciado nos encontros consecutivos com o Eu do Outro e com a realidade externa são representados na psique e imputados ao desejo do Outro de dar ou recusar prazer; já que este Outro²² funciona como um suporte que toda criança necessita para se constituir. Assim, o desprazer causado pela separação e o prazer do encontro, que satisfaz as necessidades do bebê e acalma as suas moções pulsionais, só podem ser a finalidade do desejo do Outro, sendo os atos de união e separação, atribuídos pelo bebê como manifestação, respectivamente, do amor ou do ódio.

É no primário que se inscreve psiquicamente a cena primária, compondo o núcleo de toda organização fantasmática presente no engrama pictográfico²³; isto é, do apropriar-se ou do rejeitar. Mesmo antes de todo entendimento possível do coito entre os pais, há um modelo de funcionamento que se respalda no modelo de um 'ato' que visa a união de uma parte de um corpo a outro corpo, penetrando-o, sendo neste caso, um 'ato' de amor; ou um ato que visa afastar a parte da qual deseja a destruição, sendo este um 'ato' de ódio.

Acredito que neste momento seja necessário responder a uma pergunta que considero central neste artigo: quando que se dá a entrada do pai em cena? Sobre a entrada do 'outro sem seio' em cena, Aulagnier afirma:

“Nossa afirmação de que a entrada em função do primário implica no reconhecimento da presença de um seio separado do próprio corpo, fez-nos deixar de lado o que a ela se segue: o reconhecimento do 'outro-sem-seio', investido pelo primeiro representante do Outro na cena do real, através do qual a existência do pai e o reconhecimento do casal parental se preanunciam à psique”²⁴.

A partir deste outro espaço que vem a ser ocupado pelos atributos que testemunham a presença paterna, este espaço aponta para a existência de um objeto enigmático que possibilita ao Outro realizar um desejo que

22 Este Outro pode ser a mãe ou o pai que aludem a uma ordem cultural para o bebê.

23 Segundo Violante, “engrama pictográfico é um traço mnésico não assimilável a uma imagem”. Violante, Maria Lucia V. *Piera Aulagnier: uma contribuição à Obra de Freud*. São Paulo: via Leterra, 2001, p. 35.

24 Aulagnier, Piera (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 74.

não se refere mais àquele que contempla a cena que, neste caso, seria a criança. Conseqüentemente, a partir da entrada do pai em cena “se organizará a infra-estrutura de três elementos, que é a infra-estrutura de toda organização fantasmática”²⁵. Esta organização é formada pelo representante do Outro (como a mãe), pelo outro espaço (que vem a ser ocupado pela entrada do pai em cena) e pelo olhar (do bebê) que percebe um afeto de prazer atribuído a relação existente entre os pais.

Para Aulagnier “desde a primeira fase de sua atividade, o primário estabelece os protótipos do secundário, sem os quais a psique não poderia ter acesso ao que se tornará a terceira representação de sua relação ao mundo”²⁶. Estes protótipos ou modelos aludem à realidade, ao Eu, à castração e ao complexo de Édipo (cuja cena primária é o seu protótipo neste modo de funcionamento psíquico). Assim, com o início do funcionamento primário, são introduzidos na psique do bebê estes quatro modos de funcionamento prototípicos do secundário.

O primeiro protótipo está relacionado a realidade. Neste protótipo, Aulagnier assegura que a “realidade do Outro é, para nós, a realidade da diferença presente entre o desejo da mãe e o desejo do infans”²⁷. Caso a diferença entre o desejo materno e do bebê venha desaparecer ou converter-se em uma diferença muito pequena, esta vem impossibilitar o jogo pulsional, correndo o risco de desaparecer da cena fantasmática o que Aulagnier aponta como ‘terceiro pólo’; ou seja, o olhar.

Já em relação ao segundo protótipo, o protótipo identificatório, Aulagnier aponta que este “como precursor do Eu, designa a representação do ‘fantasiante’ que é o resultado da reflexão da atividade do primário sobre si mesmo, reflexão que é fonte do que chamamos o sujeito do inconsciente”²⁸. Ou seja, o que precede o Eu no processo primário é o sujeito do inconsciente. Este precursor se forma como imagem da resposta dada ao desejo projetado sobre a mãe; como também pela introjeção de um sinal

25 Idem, p.74.

26 Idem, ibidem.

27 Idem, p.75.

28 Aulagnier, Piera (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 76.

considerado como prova da presença do Outro de dar ou recusar prazer. Assim, através de uma dialética pulsional entre projeção e introjeção, o sujeito do inconsciente identifica-se com a resposta ao desejo materno.

Em relação ao protótipo do Édipo, Aulagnier assegura que a esta “figuração cênica acrescenta-se a qualidade ‘edípiana’ do que se passa na cena exterior [...]”²⁹. Lembremos que a cena primária é o protótipo do complexo de Édipo no primário. Isto significa que, no primário, o precursor do complexo de Édipo é formado pelos resquícios do Édipo parental. Se de um lado esta criança é a sucessora historicizada da criança que um dia cada um dos pais desejou ter; de outro, como a representação fantasmática da cena primária é constituída por três elementos, na cena externa a psique do bebê observa a emergência do ‘outro-sem-seio’.

Esta emergência poderá ser fonte de prazer para o conjunto das zonas-funções-erógenas, tornando-se a presença deste pai desejada pelo bebê; ou, ao contrário, esta presença pode se tornar perturbadora e desprazerosa ao bebê. Assim é que toda fantasia contém em si uma cena com três elementos: o olhar do bebê contemplando um cenário no qual há dois objetos (desejados ou não) presentes.

Mas como ocorre a entrada do desejo deste ‘outro sem seio’? Para Aulagnier “a partir do momento em que a criança coloca o desejo da mãe como diferente do seu, ela deverá figurar um outro objeto, que não é ela própria, para este desejo”³⁰. Isto significa que quando a criança percebe a possibilidade de um desejo do Outro por um ‘outro espaço’, retirando-a de seu espaço exclusivo de prazer, a criança necessariamente renuncia a este espaço jubiloso no qual acreditava ser o objeto exclusivo do desejo da mãe e que a mãe a desejou como objeto único de seu prazer.

Em sua entrevista a Hornstein, Aulagnier aborda sobre a entrada em cena do pai, afirmando que:

“desde o começo da vida o pai exerce uma ação modificadora sobre o meio ambiente que rodeia o recém-nascido. Mas, em quase todos os casos, uma pessoa- geralmente a mãe- tem um papel fundamental na resposta às

29 Idem, p. 79.

30 Idem, p. 78.

necessidades do bebê – tanto as de autoconservação quanto as libidinais. É por isso que a partir dela surgirá o primeiro signo da presença do pai ou de sua ausência, e a escolha desses signos dependerá de sua relação com esse pai”³¹.

Este pai, a partir dos choros e dos gritos de seu bebê, pode-lhe oferecer um prazer corporal, acariciando-o, aliviando-o de um desprazer através de seus toques e palavras e, como releva Aulagnier, “fazendo ressoar nos seus ouvidos uma seqüência fonemática, cuja tonalidade a transforma numa canção de ninar, cuja voz materna não é mais a única emissora”³². Isto significa que a partir do momento em que a presença deste ‘outro-sem-seio’ é reconhecido pela criança, esta presença pode se tornar fonte de prazer corporal para a mesma, revelando-se para o conjunto de suas zonas-funções erógenas como fonte de prazer, mesmo que essa presença possa, em certos momentos, tornar-se perturbadora.

E antes de caminhar ao processo secundário, é necessário apontar o último protótipo presente no modo de funcionamento do primário: este último protótipo seria o de castração.

Em relação a este protótipo, Aulagnier aponta:

“[...] todo acontecimento, no mundo, será identificado, por aquele que olha, a um acidente no seu próprio corpo ou no corpo do Outro, já que o afeto vivenciado pela psique só pode ser representado pelas imagens das zonas erógenas, do corpo materno ou, do próprio corpo, ou seja, por uma relação que une os representantes do espaço corporal. Não importa que se trate de corpo materno ou do seu próprio [corpo], uma vez que a contemplação da agressão do corpo materno ou, inversamente, sua plenitude, coloca aquele que olha numa posição de mutilado ou unificado, conseqüência do desejo imputado aos atores do cenário”³³.

Na atividade do primário, a psique do bebê não pode captar um acontecimento externo sem representá-lo como causa do seu desejo, buscando

31 Hornstein, Luis. Diálogo com Piera Aulagnier. In: *Desejo e identificação*. Org. Maria Lucia Vieira Violante. São Paulo: Annablume, 2010, p. 58.

32 Aulagnier, Piera (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 79.

33 Idem, p. 81.

o prazer de seu próprio espaço corporal. Toda experiência de prazer têm um efeito integrador devido ao prazer experimentado. De outro lado, toda atividade de desprazer pressupõe ser mutiladora; pois, neste caso, a zona função e o objeto figuram o que o olhar do bebê encontra como um rejeitante-rejeitado, pressupondo a fantasia de ser mutilado. Assim, neste modo de funcionamento psíquico, a angústia de mutilação torna-se precursora da angústia de castração.

Em relação à angústia de amputação, Aulagnier prossegue afirmando que “o primário é capaz [...] de ligar fragmentos cênicos e os quadros que se sucedem [...]. A importância da mutilação como protótipo da castração confirma que o primário é, efetivamente, o criador de protótipos que o secundário herda e transforma, sem ter jamais a certeza de que eles não poderão regressar à sua primeira forma”³⁴. Aulagnier aponta que as produções resultantes deste modo de funcionamento compreendem dois conjuntos não homogêneos. O primeiro conjunto corresponde ao primário cênico e é exemplificado pela imagem de coisa. Já em um segundo momento do primário, há a entrada em cena da imagem da palavra e que, ao unir a imagem da coisa, possibilita a entrada em cena das produções mistas; ou seja, o sistema de significação imposto pelo discurso.

Neste segundo momento “a característica [...] é a de possuir a qualidade do dizível e, portanto, a qualidade do consciente”³⁵. No primário já ocorre a participação do princípio da realidade. Se no primeiro momento deste modo de funcionamento o primário produz imagem de coisa, no segundo momento, a esta imagem de coisa vem acrescentar a imagem de palavra como significação primária e não como signo lingüístico. A imagem de palavra é formada pela seqüência fonética ouvida pelo bebê, informando o primário a respeito da intenção do desejo materno de dar ou recusar prazer, respectivamente. Assim, a imagem de coisa representa um elemento

34 Aulagnier, Piera (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 83.

35 Idem, p.84.

de transição; já que esta imagem vem logo após a atividade pictográfica e, ao mesmo tempo, antecede o dizível, momento este em que a representação coisa liga-se a uma representação palavra .

Para Aulagnier, no primário, “o sentido libidinal prima sobre a significação lingüística, porém ele abre caminho a ela, induzindo a psique a admitir que esta significação existe: que ela faz parte do patrimônio do porta-voz e que ela está relacionada à oferta ou recusa presente em sua resposta”³⁶. É o sentido libidinal das primeiras significações primárias que abre caminho para as significações lingüísticas que somente serão admitidas pelo Eu do bebê com a chegada dos enunciados pronunciados pelo pai, o primeiro representante dos outros. Este representante aponta que todo e qualquer enunciado é regido por um código lingüístico compartilhado pelo meio sociocultural, independente do desejo dos outros. Assim, as significações primárias abrem caminho para a atividade ideativa presente no modo secundário de funcionamento. Esta atividade é fruto do Eu, instância esta que reconhece o signo lingüístico e o sistema interpretativo próprio deste modo de funcionamento.

PROCESSO SECUNDÁRIO

E para abordamos o secundário, é necessário ressaltar que para Aulagnier “os três processos [originário, primário e secundário] não estão imediatamente presentes na atividade psíquica; eles se sucedem temporalmente [...]”³⁷. A entrada em cena do modo de funcionamento secundário coincide com o advento do Eu. Assim, o secundário é o modo de funcionamento psíquico que é próprio ao Eu ou instância enunciante.

Em relação ao secundário, Aulagnier declara que:

“a partir do momento dado, que marca a passagem do estado de infans ao de criança, a psique vai conjuntamente adquirir os primeiros rudimentos de linguagem e uma nova ‘função’ daí resultará a constituição de um terceiro

36 Idem, p. 97.

37 Aulagnier, Piera (1975). A atividade de representação, seus objetos e sua finalidade. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 28.

lugar psíquico, no qual todo existente deverá adquirir o status de ‘pensável’, necessário para que ele adquira o atributo de dizível. Este pensamento-dizível pode ser definido pelo termo de inteligível: assim se estabelece uma ‘função de intelecção’, cujo produto será o fluxo-ideativo que acompanhará o conjunto da atividade, da mais elementar a mais elaborada, da qual o Eu pode ser o agente”³⁸.

Aulagnier entende a passagem do estado de bebê ao de criança a partir do momento da entrada em funcionamento do modo de funcionamento secundário, através do qual ocorre a aquisição dos primeiros rudimentos da linguagem. No secundário, toda a atividade do Eu se traduz em um fluxo pensante; isto significa que o dizível, o inteligível torna-se o atributo das produções do Eu. Assim, toda vivência somente terá a sua existência se a mesma puder ser acompanhada de uma idéia que a torne pensável e dizível.

Tal ideia é reiterada em *Os Destinos do Prazer*, quando ressalta que “o que caracteriza o Eu é representar e se representar o existente [...] sob a forma de uma construção de ideias. Para o fazer, deve poder acrescentar à imagem de coisa, a imagem de palavra e investir esta última”³⁹. Os produtos frutos deste modo de funcionamento são as ideias (representações ideativas) e os enunciados. Neste modo de funcionamento psíquico, o Eu atribui tudo aquilo que é vivido a uma causalidade inteligível. Este é o postulado que rege esta instância enunciante.

Quando o modo secundário do funcionamento psíquico começa a funcionar, as zonas erógenas se unificam, propiciando as bases para o surgimento do veículo de demanda do sujeito: a linguagem. Para Aulagnier “o primeiro papel que o sujeito faz a linguagem desempenhar é exatamente o de veicular sua demanda”⁴⁰. É na e pela demanda que o sujeito vai constituindo a sua linguagem em discurso; já que no momento em que o ego do sujeito fala, este ego demanda ao Outro, a si mesmo e ao seu semelhante a

38 Idem, p. 59.

39 Aulagnier, Piera (1979). Alienação e psicose: duas respostas antinômicas ao conflito identificatório. In: *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985, p. 19.

40 Aulagnier, Piera (1968). Demanda e Identificação. In: *Um Intérprete em Busca de Sentido* – I. São Paulo: Escuta, 1990, p. 194.

satisfação de suas demandas pré-genitais. Assim, à medida que o bebê vai se familiarizando com o manuseio da linguagem, ele usa esta para demandar os seus objetos com brilho fálico.

Ao abordar a constituição do Eu durante o processo secundário e suas respectivas particularidades, Aulagnier também aponta que:

“a particularidade do Eu se encontra no fato de que, no início, ele foi efetivamente a idéia, o nome, o pensamento falado pelo discurso de um outro: sombra falada, projetada pelo porta-voz [...]. O Eu começa por investir nos ‘pensamentos identificantes’ pelos quais o porta-voz o pensa e graças aos quais ele lhe transmite seu amor [...]”⁴¹.

O porta-voz, por intermédio de seu desejo e de seu discurso, apresenta uma função identificatória, mas também é responsável por apresentar para a criança uma realidade remodelada por seu próprio psiquismo. Lembremos que o Eu é antecipado, historicizado e estruturado pela linguagem; como também pelo desejo e pelo discurso do casal parental (que apresentam uma função identificatória) e pelo discurso do meio. Assim, este Eu antecipado é compreendido como o momento no qual a criança é inserida numa ordem temporal e simbólica.

Em 1979, ao redigir *Prazer Necessário e Prazer Suficiente*, Aulagnier enfatiza que, para existência do Eu, a realidade humana na qual o sujeito está inserido deve permitir a preservação do funcionamento do seu corpo e da sua atividade psíquica de representar pictográfica, fantasmática e ideativamente como condição necessária para que este Eu invista na realidade, em si mesmo e em seu corpo; como também nos outros e na realidade. Por outro lado, é necessário ressaltar que o Eu se constitui por meio de uma dialética identificatória em cujo trajeto Aulagnier destaca em primeiro plano dois momentos fundamentais: o momento do advento do Eu (durante a identificação especular) e o momento deste assumir a castração simbólica (durante a identificação simbólica).

41 Aulagnier, Piera (1979). Alienação e psicose: duas respostas antinômicas ao conflito identificatório. In: *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985, p. 21.

Em relação à identificação especular ou imaginária, Aulagnier aponta que “esta é [...] o segundo tempo da dialética identificatória”⁴². Após a identificação primária – identificação esta precursora do Eu, momento este em que a mãe deseja que o infans demande e o infans demanda que a mãe deseje – Aulagnier destaca um segundo momento da dialética identificatória: a identificação especular. Neste segundo momento ocorre o advento do Eu no qual este se identifica com a resposta ao desejo materno. Assim, para Aulagnier, o Eu não está presente desde o início da constituição psíquica, devendo se constituir entre os 06 e os 18 meses, no estágio do espelho de que fala Lacan.

Este primeiro modo pelo qual o Eu se constitui só é possível devido à satisfação das demandas pré-genitais da criança; ou seja, a satisfação de suas demandas de objeto. Estas demandas podem ser consideradas equivalentes fálicos (tais como o seio, fezes, pênis) e que, ao serem codificadas como dom materno, respaldam o desejo da criança. Assim, as demandas de objeto são demandas pré-genitais da criança dirigidas ao Outro (como à mãe) e estas impedem a alienação da criança no campo do Outro, propiciando, de um lado, a assunção jubilosa de si e, de outro lado, a diferenciação do Eu materno, ocasionando a agressividade envolvida neste processo.

Já o terceiro momento desta dialética identificatória seria a identificação simbólica. Esta abarca dois tempos: o “tempo de compreender”, que se estende desde o advento do Eu no estágio do espelho até a assunção da castração, e o “tempo de concluir”, que se inicia com a castração e culmina com a identificação ao projeto identificatório (projeto este que corresponde ao ideal de ego freudiano).

Mas como que se dá a relação do desejo do casal parental em relação a este filho neste momento da constituição do Eu? Esta psicanalista ressalta que a criança “confrontada com a realidade do desejo do pai e da mãe por este último, é a proibição do incesto que ele encontra lá onde esperava encontrar a realização do desejo”⁴³. Caso esta criança venha a não renunciar

42 Aulagnier, Piera (1968). Demanda e Identificação. In: *Um Intérprete em Busca de Sentido* – I. São Paulo: Escuta, 1990, p. 201.

43 Aulagnier, Piera (1968). Demanda e Identificação. In: *Um Intérprete em Busca de Sentido* – I. São Paulo: Escuta, 1990, p. 214.

a demanda destinada a sua mãe, esta poderá ser desvalorizada e cortada do seu campo familiar onde encontraria referências identificatórias coextensivas à sua possibilidade de se colocar como sujeito. De outro lado, se esta criança desejava conhecer a verdade sobre o objeto do desejo materno, o que ela tem em resposta a este desejo, a sua demanda, é o ‘nome-do-pai’. E ao reconhecer a presença do pai, esta figura vem introduzir a instância da lei, interditando esta mãe. Assim, é o nome do pai o único que tem o poder de lhe oferecer o estatuto na linguagem dos sujeitos, sendo o pai o detentor das chaves que lhe dará o acesso ao seu mundo simbólico.

CONCLUSÃO

A partir dos três modos de funcionamento psíquico, pode-se afirmar que tanto o desejo materno como o paterno estão presentes desde o nascimento do bebê. A compreensão da singularidade e da intensidade destes desejos é necessário para a análise da história libidinal e identificatória de cada sujeito.

Como o Eu do bebê é pré-enunciado e pré-vestido pela mãe, não podemos esquecer que a imagem do bebê construída ao longo da gestação, a qualidade e a intensidade deste investimento são fundamentais para o seu futuro desenvolvimento psíquico. Por outro lado, este Eu nasce imerso na história edipiana dos pais, constituindo-se em sua própria história edipiana por meio de uma dialética identificatória.

Para compreender esta dialética identificatória e como este Eu se fundamenta, este artigo retomou os três modos de funcionamento psíquico: o originário, o primário e o secundário. Lembremos que, no momento do nascimento, o único modo de funcionamento psíquico presente é o originário. Este é o modo de funcionamento psíquico mais primitivo, arcaico, que dura alguns momentos, sendo seguido pelo modo primário; já que a realidade da ausência e retorno da mãe requer sua entrada. Neste modo, temos dois espaços sob a onipotência do desejo de um só. E ao adquirir os primeiros rudimentos da linguagem, a psique do bebê conquistará uma nova função, momento este em que o vivido adquirirá o status de pensável,

dizível, inteligível cujo fluxo ideativo irá acompanhar o conjunto das atividades, da mais elementar à mais elaborada, da qual somente o Eu pode ser o seu agente.

Quando um modo mais elaborado de funcionamento psíquico, como o secundário, não consegue dar sentido ao vivido a fim de inscrevê-lo psicologicamente por meio de uma representação ideativa, são os modos mais primitivos de funcionamento psíquico que o farão, tal como o primário e/ou o originário. Assim, uma análise destes três modos de funcionamento psíquico é fundamental para compreensão da constituição do Eu e de como estas vivências são inscritas psicologicamente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Aulagnier, P. (1975). Nota Preliminar. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1975). A atividade de representação, seus objetos e sua finalidade. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1975). O processo Originário e o Pictograma. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1979). Prazer necessário e Prazer Suficiente. In: *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1984). Um Discurso No Lugar do “Infans” (TO-T1). In: *O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiticeiro*. São Paulo: Escuta, 1989.
- Freud, S. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *ESB*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Kaufmann, P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Violante, M. L. V. (org). *Desejo e Identificação*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____ (2001). *Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud*. São Paulo: Via Leterra, 2001.